

OLHARES SOBRE O VIVER, O ENVELHECER E O MORRER DE MULHERES IDOSAS NA CIDADE DE PORTO ALEGRE¹

Maria Cristina Caminha de Castilhos **França**²
Cornelia **Eckert** (**Orientação**)

Introdução

Ao estudar as representações sociais do envelhecimento e da morte, buscou-se num grupo de mulheres de camada média, residentes em Porto Alegre, um aspecto que oportunizasse para, através da diferença, se chegar à comparação, tal como a perspectiva de Thomas¹. Considerou-se o pertencimento religioso como premissa para investigar sobre as divergências das visões de mundo de mulheres com mais de 60 anos que aceitaram compartilhar de nosso estudo etnográfico.

Este critério tem por objetivo, apontar as diferenças de representação em torno de suas crenças e valores sobre os temas propostos, considerando suas trajetórias em campos religiosos diversos. Outros aspectos que dizem respeito às condições objetivas de vida das pessoas que pertencem às redes do grupo entrevistado, apresentam-se semelhantes e evidenciam que compartilhar o mesmo estilo de vida, vivenciado diferentemente em vista das visões de mundo³. Estes aspectos lhes conferem a existência de conflitos e harmonias nas suas experiências ao longo da vida e revelam-se semelhantes. Privilegiou-se, portanto, o campo religioso, o conjunto de crenças e valores que orientam suas práticas, pautadas na maioria dos casos pela religiosidade.

¹ Este estudo fez parte do trabalho de conclusão do bacharelado em Ciências Sociais/UFRGS, sob a orientação da Profa. Dra. Cornelia Eckert, em fevereiro de 1999.

² Mestre em Antropologia Social e Professora do Departamento de História do Centro Universitário La Salle – Canoas/RS.

³ “A Antropologia tanatológica deve ser necessariamente comparativa, pois busca a unidade do homem na diversidade; ou melhor, constrói a universalidade a partir das diferenças.” (THOMAS, 1975)

Ter o mesmo perfil a partir do meio social foi um critério de pesquisa que estabeleceu código de valores semelhantes. Esses apontam para o conjunto de representações que as mulheres entrevistadas definem em mesmas características na hierarquia social, sobretudo pela trajetória bem sucedida dos filhos e/ou filhas, correspondendo aos seus esforços de projeção de vida.

Para a elaboração desse estudo foram selecionados cinco relatos orais de vida, privilegiando entrevistas biográficas aprofundadas, realizadas nas residências de cada informante. O universo de pesquisa foi buscado nos limites da cidade de Porto Alegre, junto a mulheres idosas entre 72 e 87 anos, pertencentes a uma mesma camada média, que compartilham aparentemente das mesmas condições sócio-econômicas e com um grau de instrução elevado. Essa situação foi percebida ao ouvi-las falarem sobre seus filhos, ressaltando os títulos avançados através dos cursos universitários que concluíram, entre outros.

Após as entrevistas buscaram-se fatores semelhantes que se revelaram mais recorrentes e pôde-se, através desses, delinear com clareza o estilo de vida de cada entrevistada, percebendo simultaneamente que todas elas compartilhavam estilos análogos.

As cinco entrevistas utilizadas para a composição deste trabalho, foram selecionadas a partir de duas redes de relações diferentes, tendo em vista que a religião⁵, adotada como categoria de diferenciação para dispor o universo de pesquisa, sob a perspectiva de dimensão cultural como veículo de valores éticos, estéticos e cosmológicos, permite perceber a identidade e as práticas de grupos religiosos específicos.

³ “Visão de mundo (eidos) é o conjunto de aspectos cognitivos, existenciais. É o quadro que o povo elabora das coisas como elas são na simples realidade: seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem.” (GEERTZ, 1978).

As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e dezembro de 1998 e, juntou-se às entrevistas bibliográficas, dados veiculados por jornais deste período.

Apresenta-se de forma sucinta as personagens entrevistadas para referir um pouco de suas trajetórias de vida e contextos naquela época. Identificar-se-á todas as informantes a partir das iniciais de seus nomes:

Sra. C tem 81 anos, é viúva e reside sozinha, mas tem uma empregada doméstica que posa à noite. Declara não possuir nenhum vínculo religioso e, em vários momentos opôs-se categoricamente ao pertencimento religioso por considerá-lo um aprisionamento. Ela tem quatro filhos e três netos. Fala de forma expressiva sobre seu tratamento psicanalítico e trouxe à entrevista, várias conversações trocadas com seu médico. Nasceu no interior rural do Estado e casou-se com um militar que conheceu ao assumir um emprego em uma cidade da fronteira do RS. Após o casamento residiu em diferentes localidades e Estados do Brasil durante a sua vida de casada.

Sra. D: tem 72 anos, é da religião judaica, goza de boa saúde. A informante nasceu na cidade de Rio Pardo. Teve experiência de internato na sua infância. Veio para Porto Alegre estimulada pela possibilidade de um emprego e aqui se fixou. Foi casada com M, e é posterior ao casamento que ela considera ter conhecido um pouco de felicidade que foi complementada com o nascimento dos netos. A cultura judia é bastante forte em seu discurso sobre a formação de sua personalidade e comportamento.

Sra. ML tem 78 anos, é da religião católica, goza de boa saúde, participa de um grupo leigo da sua igreja paroquial, que realiza atividades assistenciais com a própria comunidade. No seu caso, dirige uma creche para filhos de mães que trabalham como empregadas domésticas. Nasceu em Santa Maria. Foi casada duas vezes e é duas vezes

viúva, tem seis filhos. Foi professora e funcionária do IPE (Instituto de Previdência do Estado). Embora morasse em Porto Alegre, que para cá se dirigiu quando ela ainda era pequena, casou-se com um militar, tendo conhecido a rotina das mobilizações geográficas no interior do Estado características dessa profissão. Porto Alegre foi a última cidade que veio a residir com o marido e, tempos depois, esse veio a falecer. Após a viuvez casou-se novamente, e aqui fixou residência.

Sra. M tem 75 anos, é espírita e frequenta o Centro Allan Kardec assiduamente. Foi casada e teve quatro filhos e vários netos. Três filhos são homens e uma mulher. A entrevistada argumenta que os três filhos homens “não são amorosos” e que apenas a filha mulher tem uma relação mais intensiva com ela. Ela pertence a uma rede de amigas que tem como interesse claro a motivação de reunirem-se em torno do bordado e pintura em tecido. Este pertencimento lhe proporciona outras formas de lazer com esse grupo como viagens, reuniões de chás e passeios. Goza de boa saúde, é muito ativa e participa de sociabilidades familiares com frequência.

Sra. N tem 87 anos, ela se identifica como espiritualista e pratica a meditação (dá a entender que seja a linha oriental). Ela vem da cidade de Santa Maria, mas residiu em Cruz Alta. Casou-se nesta cidade, indicando que seu marido pertencia a uma família tradicional da localidade, ligada à pecuária. Teve duas filhas, netos e bisnetos. Goza de excelente saúde, considera-se “muito vaidosa” e tem um convívio familiar intenso. Reside em um edifício onde moram outros membros de sua família, sendo que seu apartamento fica no mesmo andar que uma de suas filhas.

Uma geração de velhas: o estilo de vida⁴

Todas têm origem em cidades do interior do Estado , evidenciadas através de expressões e sotaques marcantes. A mudança para a capital justifica-se em virtude do estudo universitário dos filhos ou a busca de uma nova oportunidade de ascensão social. Ao longo de seus relatos, as lembranças relacionadas à infância estão representadas em símbolos característicos da região ou dos estilos de vida familiares:

“A minha infância foi boa na fazenda, andava a cavalo, tive aquilo que quis...” **Sra. C**

“Não trago marcas de espécie alguma da minha infância. Tive dois irmãos e, como única menina, fui bastante mimada. Tivemos algumas viagens no princípio. Andávamos “batendo matraca”, até que nos fixamos em Cruz Alta, onde fui à escola cursar as primeiras letras. Já estava alfabetizada.” **Sra. N**

“Nasci em Rio Pardo, eu tinha 5 anos de idade quando minha mãe faleceu e eu fiquei rolando no mundo: um pouco com os tios e no internato. Lá eu sofri muito mesmo e não adianta, não apaga, tenho traumas. E, quanto mais velha eu fico, mais ódio eu tenho.” **Sra. D**

A idéia plena de felicidade surge quando se referem aos seus casamentos. A descrição é detalhada do período que encontraram e casaram com seus maridos. O amor é visto como um sentimento acima de quaisquer particularidades: aprovação dos pais, condições

⁴ “*Ethos* ou estilo de vida é o tom, o caráter e a qualidade de vida, estilo moral e estético edisposição, é a atitude subjacente em relação a si mesmo e ao mundo que a vida re flete.” (GEERTZ, 1978)

financeiras, profissão. Ao longo do relato sobre a vida conjugal apontam algumas dificuldades, mas sempre retomam que foram infinitamente felizes com seus maridos.

“Casei e fui morar na casa dos pais de M (seu marido). A primeira coisa que observei é que eles não brigavam. Eu não conhecia família. Com M eu fui muito feliz”. **Sra. D**

“Casamos. Fui muito feliz, ele também. Depois que ele ficou cego me chamava de “anjo”. **Sra. C**

“Casei com 18 anos. Foi uma vida bonita, porque nosso lar tinha uma harmonia perfeita”. **Sra. N**

Estes são alguns dos aspectos que elucidam os estilos de vida. As representações elaboradas pelas senhoras entrevistadas erguem semelhanças nas suas estruturas, porém as interpretações são permeadas pelos valores que traçam os limites impostos por experiências distintas.

Em relação aos temas que este estudo visa discorrer, há representações comuns bem definidas, como a do envelhecimento. Isto é, ao longo das entrevistas seus relatos foram repletos de detalhes até o período que antecede ao da velhice. Pode-se dizer, então, que a resistência de se expor ao olhar estranho é reflexo da representação permeada de aspectos negativos que a sociedade capitalista conferiu ao velho. Em contrapartida, ao tratarem sobre seus netos, os traços que remetem a estigmatização da velhice se diluem dando espaço a uma pessoa com um status que lhes confere muita experiência e confiança, pois na relação entre os pares (avós/netos) há inúmeras trocas, principalmente de afeto.

“Esse meu neto mais velho é também uma pessoa portadora de sentido e sentimento espiritualista. Ele bebe muito em mim. Gosta muito de conversar comigo e nós falamos de assuntos de grande benefício para os dois”.Sra. N

A velhice lhes oportunizou também algumas perdas importantes. Além da dor natural que advém do fato há, concretamente, a proximidade com a morte em consequência do avanço da idade. Nesse sentido, Lins de Barros (1981) define a velhice como o período final de vida. A dor da perda do marido é externada com muita emoção por todas as mulheres entrevistadas. A inconformidade em relação à perda surge na medida em que a relação interpessoal era de complementaridade.

A concepção sobre a morte é comum em relação ao fato inevitável. Há divergências em relação ao sentimento de temor apresentado pela maioria. Essas concepções e representações sobre a morte apresentam-se identificadas com valores religiosos⁵ e crenças.

Sobre o envelhecer, sobre o morrer

A visão do *ethos* do grupo estudado evidencia um estilo de vida de pertencimento sócio econômico médio, confirmado pela qualidade de vida. Junto aos valores que remetem a condição e à posição social observados, outro valor comum a ser destacado é o dos retratos de familiares que, da mesma forma, confere “legitimidade e valor à família, enquanto símbolo do universo de camadas médias”. (LINS DE BARROS, 1982).

Nesse sentido, sugere-se que pensar o processo de envelhecimento em situações de entrevistas (espaços) que lhe são familiares, proporciona uma construção de narrativa sobre suas lembranças motivadas (ou ordenadas) a partir dos objetos guardiões da memória (Halbwachs) que lhes são significativos.

⁵ “Religião é a provisão de significados em torno dos quais os indivíduos interpretam sua existência e organizam suas condutas”. (GEERTZ, 1978)

Nesse estilo de vida, as idosas entrevistadas apresentam com frequência uma racionalização sobre o significado da velhice enquanto categoria cultural construída e reconstruída a partir de valores sociais específicos. Essas reflexões nos remetem a reconhecer uma capacidade de ositivar ou de criticar aspectos relativos à definição do ser velho e da auto definição de sua identidade enquanto velho. Com isso, consideramos que, em suas representações sobre o envelhecimento, existe uma forte intelectualização sobre os temas propostos, o que não exclui momentos de intensa associação livre de idéias e narrativas emocionadas sobre os mesmos temas. Se seguirmos aqui o que a antropologia contemporânea tem demonstrado (Gilberto Velho), este grupo pertence a uma condição moderno-urbana e a uma cultura onde predomina a noção de indivíduo livre e autônomo como ideal social.

O tema envelhecimento foi concebido pela maioria delas como tendo que ser um tema a ser tratado de forma diferenciada a partir de, fundamentalmente, duas concepções específicas: a biológica e a social. Ao tratar do envelhecimento sob o ponto de vista biológico, a idéia é apontada na direção da saúde física, propriamente dita. Isto é, há uma configuração positiva quando se é portador de saúde, mantendo a integridade das funções físicas e mentais; em relação à concepção social da velhice. O aspecto positivo é a manutenção de seus papéis sociais, alguns reelaborados sobre novas situações, como o de avó.

“A velhice é como uma dádiva quando se mantém a independência, se tem saúde”. **Sra. N**

“Eu estou bem, eu estou feliz... Eu me realizo com as alegrias da Júlia e do Pedro, meus netos”. **Sra. D**

Esta questão refere-se a situações bem diferenciadas, ou seja, há o envelhecimento do corpo, como exclusivo aspecto biológico, e há a categoria velhice, enquanto representação de

uma etapa do curso da vida composta de valores culturais e valores que têm origem nas representações sociais sobre aspectos biológicos. Neste sentido, Debert sublinha a necessidade de observar essas situações quando se realiza um estudo da velhice:

“... a velhice é uma categoria socialmente produzida. Faz-se assim, uma distinção entre um fato universal e natural – o ciclo biológico do ser humano e de boa parte das espécies naturais, que envolve o nascimento, o crescimento e a morte – e um fato social e histórico que é a variabilidade das formas pelas quais o envelhecimento é concebido e vivido”.
(DEBERT, 1994 p.8)

No grupo entrevistado, a percepção sobre a velhice assemelha-se àquela proposta por Lins de Barros (1981), que a estabelece como o último período da vida. Isto não significa vivê-lo aguardando a morte. Nele está inserido um “projeto de velhice”. Ao pensar nesse sentido, a subjetividade⁶ do indivíduo definirá a composição desse projeto. Portanto, nesse contexto urbano e pertencentes a uma camada média da sociedade, as mulheres idosas entrevistadas mostram-se voltadas ao convívio familiar ou vêm na perda de seus maridos, o compromisso com um projeto individual concreto, repousado sobre a lembrança do convívio com o companheiro. Assim podemos verificar na fala da Sra. D, uma demonstração de projeto de vida e um projeto de continuidade com a lembrança (rememoração).

“O meu maior sonho é ver meus netos grandes. Apesar da morte dele (do marido), sinto saudades, mas estou feliz. Aprendi a

⁶ Para Malvina Mustak, o processo de individuação de construção do eu, engloba ao mesmo tempo a diferenciação em relação ao Outro e uma diferenciação em relação ao Si-mesmo. Trata-se de um modo particular e individualizante de viver, de construir-se, definindo-se a identidade, “a partir desse processo, como experiência emocional que permite a cada Ser perceber-se como identidade única e separada do Outro, que é ao mesmo tempo seu semelhante, e entidade única, apesar de suas contínuas transformações.” Apud FAVARO, 1996-1997, p.157.

ser feliz com ele. Ele merece que eu não esqueça de ser sempre assim”.

Sra. D

Já em Sra. N, o projeto de vida consiste em ser útil e dinâmica frente ao tempo que lhe resta.

“A vida é um dom maravilhoso que não devemos desperdiçar um minuto, pois sinto-me mal, infeliz, quando sento e não faço nada, quando as mãos estão paradas, quando o cérebro não está funcionando. Eu me sinto frustrada, me sinto usurpadora dos meus momentos e das minhas horas que restam”. **Sra. N**

E, finalmente a Sra. M L, tem por projeto de vida, uma busca religiosa do sentido de sua vida.

“M eu segundo marido não sabia rezar. Deus me escolheu para converter (à religião católica) os meus dois maridos... Quem sabe converto o terceiro?” **Sra. M L**

A família representa o local social mais significativo para todas as mulheres entrevistadas pensarem seus projetos de vida. Ou melhor, ainda, elas reforçam o seu papel social de *Mater* na família e seu lugar hierárquico no destino de prover seu descendente biológico, social e culturalmente.

Na narrativa de algumas entrevistadas, “abrir mão de suas coisas em favor dos filhos, da família” nem sempre é colocado em tom de projeto bem sucedido. Muitas vezes o tom é antes de resignação e, em alguns casos, mesmo de perda de “oportunidade de vida”, de realizar-se profissionalmente. Dessa forma, o papel tradicional na hierarquia e o bom desempenho do papel social, aparece conflitivo em relação à falta de oportunidade de assumir a sua posição de indivíduo.

Pode-se sugerir que todas as entrevistadas valorizaram seu papel de mãe em detrimento de um projeto pessoal e individual, convergindo com o socialmente e tradicionalmente esperado a partir de valores mais holistas, próprios do seio familiar, tal como “o mito da mulher-mãe e da esposa submissa, voltada para o mundo interno da casa e cercada de uma série de qualificativos que definem o padrão ideal de mulher”. (LINS DE BARROS, 1981, p.62)

“Eu disse para minha sobrinha: - Tu tens que ser esposa, amante e mãe para ser feliz.

E meu velho foi feliz por causa disso. Ele dizia: - Casei com a mulher que eu queria, tive quatro filhos e uma mulher apaixonada por mim.

Aí eu me conformo”. **Sra. C**

“Se todas as criaturas pudessem construir um lar como Deus favoreceu que eu pudesse construir o meu com o meu marido, o mundo seria melhor. Tenho certeza disso. Me fez falta continuar os meus estudos, teria uma vida mais tranqüila a respeito de finanças, mas embora tudo isso, somando os prós e os contras, acho que foi muito importante a minha permanência no lar, acompanhar as minhas filhas, o desenvolvimento de meus netos”.**Sra. N**

“Quando a gente é mãe corre para cá, corre para lá, não tem tempo para nada. E, quando a gente é avó, “é mel na boca”. É a melhor coisa do mundo... Os filhos crescem e se afastam. Sinto falta de carinho. Os meus filhos homens são desamorosos.” **Sra. M**

Assim como a família é referência fundamental na vida do idoso, principalmente na vida da mulher idosa, a religião pode ou não ocupar uma função complementar onde a posição de indivíduo pode ser exercida na forma de “trabalho”, como projeto de velhice⁷.

⁷ Cabe aqui ressaltar que a Sra. M L, há alguns anos, passou a dedicar-se a um grupo de leigos da Igreja Católica, que realiza atividades assistenciais com a própria comunidade. No seu caso, dirige uma creche para filhos de mães que trabalham como empregadas domésticas.

A religião⁸ foi uma categoria de diferenciação escolhida para dispor o universo de pesquisa, uma vez que sob a perspectiva de dimensão cultural como veículo de preservação de valores éticos, estéticos e cosmológicos, permite perceber a identidade e as práticas de grupos religiosos específicos.

Essa percepção torna-se bastante nítida quando tratamos sobre a morte ao longo da entrevista. Morte e Vida são fatos universais e indissociáveis, dos quais o ser humano tem absoluta segurança de transpô-los concretamente.

Segundo Louis-Vincent Thomas “é no momento em que tomo consciência de minha finitude que cada instante de minha vida se encarrega de todo o peso do meu destino. Cada um dos meus atos se inscreve nele como uma peça nova de uma edificação irreversível que continua por toda a duração de minha existência, deixando-se cada vez mais com gosto do inacabado. A consciência da morte é condição mesma da vida da consciência”. (THOMAS, 1975, igualmente citado por RODRIGUES, 1983,p.24).

Essa questão envolve inúmeras expressões subjetivas relacionadas ao plano das emoções e dos sentimentos e, como tais, parecem manifestar-se individualmente. Na perspectiva ocidental, a morte como lócus da “expressão obrigatória dos sentimentos” (MAUSS, 1921) implica numa tradição de expressão dos sentimentos pela dor da perda definitiva da pessoa, que reflete na qualidade das relações na trajetória coletiva que esta mantinha com o ente perdido.

⁸ “A religião é uma das formas que marca fronteiras simbólicas no interior do universo (sociedade), que possui diferenças multifacetadas e permeadas por representações hierárquicas”.(LINS DE BARROS, 1987, p.32)

O processo de envelhecimento aproxima o indivíduo da morte, submetendo-o à dor da perda e anunciando a brevidade de sua morte. Como sugere Koury: “A construção social da dor passa pelo emaranhado de ilusões e expectativas formadoras do sujeito, e pelo como a sociedade cria e estabelece os processos integrativos necessários à sobrevivência do social a partir dos indivíduos”. (KOURY,1996,p.29). Nas narrativas das entrevistadas, falar da morte é ter que falar da própria dor. As dificuldades para comentar sobre as perdas se colocam, sobretudo, ao ver na morte do outro, a sua própria finitude. O tom de evitação, de medo, não é referente à lembrança do ente querido, antes pelo contrário, as perdas são contadas e recontadas, mas, o assunto morte, enquanto reflexão, é constrangedor e mesmo tabu como sugere Rodrigues.

“Quando chega a hora, a pessoa tem que aceitar, porque senão sofre muito se pensar no medo... A gente é claro, não quer deixar os filhos, os netos,... Mas não há o que fazer com a morte. Ela é inevitável. Não penso nela, acho que tenho medo de falar, de aceitar”. **Sra. D**

Negar a morte é, então, grudar-se à vida: “É preciso considerar que esta época de temor da morte e das incertezas que ela comporta é também uma época de extremo e apaixonado amor pela vida, expressa na ligação afetiva dos homens às coisas terrenas: os amigos, os parentes, os animais, as plantas”. (RODRIGUES, 1983, p.135)

Esse sentimento de temor despertado pela morte e o conseqüente amor pela vida podem ser compreendidos se pensarmos na noção de valor àquilo que é belo, analisado por Freud ao debater a transitoriedade. Isto é, a transitoriedade do que é belo (no nosso caso pensaremos a vida) implica um aumento do seu valor. “O valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo”. O tempo reduzido que o idoso tem para usufruir a sua vida eleva o valor que ele próprio irá lhe atribuir.

Numa reportagem veiculada no jornal Zero Hora (Porto Alegre, 28/11/98), tinha como manchete o seguinte: “Vitalidade no lugar da morte – a capacidade de lidar com as perdas precisa ser trabalhada ao longo da vida”. O conteúdo dirigia-se ao idoso onde se podia ler que “As perdas trazem a consciência da morte. A velhice é uma fase em que as pessoas tendem mais a morrer, seguindo o ciclo natural da vida... O tabu da morte perturba, dependendo da forma como é encarado. Fugir do assunto traz angústia. E, mesmo quando existe o desejo de falar sobre a morte, é difícil encontrar um interlocutor...”.

Esse trecho da reportagem propõe duas formas distintas de perceber a morte: a morte física e a morte social⁹, sendo a última reconhecida ao tratar da dificuldade do idoso ser ouvido em relação às suas angústias.

A morte social¹⁰ geralmente antecede a morte física quando nos referimos aos velhos na sociedade ocidental. Em alguns casos raros ela poderá precedê-la. Isto é, quando se está diante de um idoso que mantém suas relações sociais intactas e a morte física o surpreende, a morte social virá a seguir quando cair no esquecimento e for substituído nas suas relações.

“A sociedade nem sempre dá valor às pessoas de mais idade. Atribuo também à televisão, há muita falta de respeito. A televisão fala o que quer, não há limite... só não faz cultura”. **Sra. N**

“A morte eu não temo. Me é muito conhecida e sei lidar com a morte. Minha mãe morreu ao meu lado e quando eu percebi que havia chegado o momento nós rezamos... Quando meu marido morreu, sim. O meu cérebro parou, eu só podia pensar isso: Tudo posso Naquele que me conforta.” **Sra. ML**

⁹ “Se pode considerar que tem morte social (com ou sem morte biológica ou física efetiva) toda vez que uma pessoa deixa de pertencer a um grupo dado, seja por limite de idade e perda de função, ou seja, pela perda de sua capacidade relacional com a falta de consciência”. (THOMAS, 1975)

¹⁰ “O afastamento e discriminação dos velhos é criação de um território onde se espera que a morte opere”. (RODRIGUES, 1983)

Esta situação marginal que o velho está submetido ou possivelmente sujeito pela sociedade moderna, provoca sentimentos de descrença no social¹⁰. Nesse sentido, o encontro com o divino, com o sagrado o faz partilhar a “dor”. Isto é, “projeção fantástica do humano no divino, a religião define uma existência irremediavelmente cindida: cisão entre finito e infinito, criatura e criador, individualmente e universalmente, o aqui e o além, o agora e o porvir, a culpa e o castigo, o mérito e a recompensa” (OLIVEIRA, 1998). Assim, refletir sobre a morte, é antes pensar no sentido de continuidade espiritual, de salvação, de vida eterna.

“A vida é um Dom de Deus. Ela está ligada à nossa alma, ao nosso corpo. Nós temos que compreender que a morte faz parte da vida, porque a morte será apenas da nossa parte física, material, e a nossa alma vai viver eternamente, ela ressuscita e nós, católicos, na vida eterna.” **Sra. ML**

“O judeu quando morre passa por um ritual de higienização do corpo, porque sua alma vai voltar a ocupá-lo. Os judeus não podem nem doar seus órgãos, seus corpos devem estar completos para quando retornarem. Claro, essa é uma posição ortodoxa. Eu não acredito, não sei... Meu marido passou por tudo isso, mas não sei...” **Sra. D**

“A vida é uma necessidade porque a considero um estágio. Nos é fornecida a vida para ampliarmos nossos conhecimentos, para

¹⁰ “A saudade do mundo compartilhado, de um retorno ao ente querido irremediavelmente perdido, não passa de um estado compulsivo, alegórico, que anseia a ilusão da própria perda, fazendo da introjeção um ato sempre e repetidamente infiel: a perda transformando-se e em fim, adquirindo uma vivência independente no processo de destruição do sujeito para si pela absorção repetida da perda, como privação em si mesma”. (KOURY, 1996). Nesse parágrafo o autor refere-se ao descaso assumido pela sociedade diante do luto, da dor da perda. Busco o mesmo sentido ao relacionar o luto do idoso às suas perdas sociais.

nos habilitar para o encontro com a verdade. Então, na medida da evolução que o homem faz, ele se prepara para o descortino das grandes verdades, das grandes realizações, dos grandes acontecimentos. A verdade não está revelada. Acredito conhecê-la depois da morte...” **Sra. N**

Apenas na entrevista da senhora que se identifica como cética, a morte não é encarada como uma duração do espírito ou da alma, numa perspectiva religiosa. Seu posicionamento é de desencanto com a vida e sua visão de envelhecimento é de tragédia e desordem. Na sua representação, a conversão religiosa tem um sentido de aprisionamento, sem a liberdade de construção de um enfrentamento individual frente ao “caos” da condição da velhice.

“...eu tinha era pena da minha sogra, ela era dominada pela religião. Eu não acredito em nada e a cada vez acredito menos. Não sinto falta disso, porque, apesar de não Ter estudo, faço a comparação de uma coisa com outra e vejo... a gente não sabe de onde vem e onde vai chegar. É uma descrença completa”. **Sra. C**

É interessante observar que esta entrevistada, apesar de querer convencer discursivamente sobre considerar-se uma “morta social”, em vários momentos demonstrava grande necessidade de convívio social para ser ouvida e sentir-se viva. Papel desempenhado de forma importante pelo seu psiquiatra, a quem ela tenta convencer que a vida não leva a nada, não tem mais valor na velhice. Sua felicidade se localiza fundamentalmente durante sua vida matrimonial.

Como se pode observar, as visões e práticas ligadas à religiosidade e crenças diferem substancialmente sobre as representações que têm sobre a morte, vida, origem. Já no discurso da Sra. C, percebe-se um aspecto mais materialista, bem como, aponta para a racionalidade as declarações da Sra. N. Em relação à Sra. D, a religião judaica lhe confere,

através da tradição, as suas emoções para a condição de avó. Por fim, a Sra. ML apresenta-se numa ótica mais conservadora da Igreja Católica, confirmando ser esta um ideal de mulher, no âmbito familiar.

Conclusão

Esse artigo buscou trazer as representações sobre envelhecimento e morte, apontando para *ethos* e estilos que circundam a vida de um grupo de mulheres idosas. Ou seja, envelhecer tem o sentido claro de avaliação do tempo vivido e ter sido feliz conforta “estar velha”, uma vez que esta condição reflete o sentido de fim. A morte está intensamente presente nessa etapa da vida e a dor das perdas de pessoas queridas é uma constante lembrança, no idoso, da proximidade de sua “própria hora”.

O tempo vivido por todas as mulheres entrevistadas compõe a quase integridade do século, tendo sido esse período caracterizado por uma diversidade grande de acontecimentos transformadores de subjetividades e reinterpretados nas práticas e ações da sociedade. Esse tempo vivido parece ter conferido-lhes a tarefa de transmitir às gerações posteriores ensinamentos dessa vivência refletida, alterada, revisada.

Por outro lado, a percepção de velhos em si não se apresentou explicitada nas suas narrativas, mas a identidade pessoal reflete a resistência à significação estigmatizada produzida socialmente. As manutenções da independência financeira, do espaço doméstico e de laços sociais são enfatizados tanto quanto as atividades que, em alguns casos, estão relacionadas aos projetos de velhice.

Em relação às representações sobre a morte, grande parte do grupo narrou o temor sobre o tema. No entanto, temer a morte é reafirmá-la, pois a idéia de a-mortalidade é o outro lado da idéia de morte verdadeira, é o fruto de uma construção da sociedade industrial que propõe a oposição vida e morte e não a continuidade como idéia integradora entre ambas.

Junto à idéia de morte biológica se destaca a problemática da morte social, cuja representação também reflete temor às ações de distanciamento, rejeição social, de um cotidiano sem função e utilidade e as tarefas diárias são voltadas à manutenção da independência e da integridade intelectual. Aderir a um grupo de terceira idade pode ser uma dinâmica de negar o veredicto do envelhecer como desclassificado social. Percebe-se simultaneamente a atitude de preservação das relações com aquelas pessoas queridas que já morreram, mantendo-as na memória coletiva, por meio do relato de lembranças de vivências comuns e imagens fotográficas. A família aparece, nesse sentido, como valor fundante das relações de solidariedade e assistência.

Ao realizar reflexões sobre o presente projetando-as para o futuro, as representações surgiram valoradas pelo conjunto de crenças que compõem a perspectiva cosmológica de cada uma. A preocupação funda-se, especialmente, no despreparo daqueles que viverão o futuro e atuarão decisivamente sobre ele. A alteração de valores e a conseqüente mudança de padrões sociais têm acontecido a “passos agigantados” e conduzidos por “ninguém”: está na mídia, na ausência dos laços familiares, no individualismo exacerbado.

Esse pessimismo frente ao século que recém iniciou, nos lembra um pouco do que Benjamin refere ao pensar na ameaça que o avanço técnico provoca sobre o viver coletivo e transmissão de valores tradicionais. Ao apontar as lembranças e a força da narrativa como um lugar social para os sujeitos repensarem-se em relação à vida, ao mundo, às suas relações, sugere-se que o debate ampliado sobre as questões aqui erguidas, aponte para essa força reinventiva do cotidiano que se buscou localizar no ponto de vista dessas idosas entrevistadas.

REFERENCIAS:

- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *Falando em Surdina: são mulheres velhas*. IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, 1994.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *Recontando o tempo de madureza*. VII Encontro de Ciências Sociais do Norte/ Nordeste, João Pessoa, maio/1995.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *Trajétórias Sociais de Gênero e Representações sobre a Velhice no Brasil*. IV Congresso Luso Afro-brasileiro de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 1996.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. *Palavras e Convivência – Idosos hoje*. In.: *Revista Estudos Feministas*, vol.5 IFCS/UFRJ, 1997.
- COURTOIS, Martine. *L'expression familière de la mort*. In.: *Sociétés – Revue des Sciences Humaines et Sociales*. Paris: DUOD Revues, 1992.
- DEBERT, Guita. *História de vida e experiência de envelhecimento para mulheres de classe média em São Paulo*. In.: *Cadernos do Centro de Estudos Rurais e Urbanos*, n19. São Paulo, 1984.
- DEBERT, Guita. *Pressupostos de Reflexão Antropológica sobre a Velhice*. Textos Didáticos. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1994.
- ECKERT, Cornélia. *Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência Etnográfica*. In.: *Humanas: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS vol. 1 n. 19/20*. Porto Alegre, 1996-1997.
- ELIAS, Norbert. *La soledad de los moribundos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.
- FAVARO, Cleci Eulália. *História Oral e Memória*. In.: *Humanas: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS, vol. 1, n19/20*. Porto Alegre, 1996-1997.
- LINS DE BARROS, Myriam. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*. In.: *Perspectivas antropológicas da mulher 2*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia. Vol.1*. São Paulo: Edusp, 1974.
- MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos - o homem contra si próprio*. São Paulo: IBRASA, 1970.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1983.
- THOMAS, Louis-Vincent, *Antropologia de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.